



Vivência Agroflorestal Indígena com os Guarani Mbya na Tekoa (aldeia) Kalipety, em Parelheiros – SP: agroecologia na busca pela garantia de biodiversidade, segurança alimentar e conservação.

Indigenous Agroforestry Experience with Guarani Mbya in Tekoa (village) Kalipety, in Parelheiros - SP: agroecology in the quest for a guarantee of biodiversity, food security and conservation.

RAVAGNANI, Marialina C.¹; KRULL, Karen, N.²; FRANCO, Fernando S.³

¹ Universidade Federal de São Carlos, marialina.clapis@gmail.com; ² Universidade Federal de São Carlos, karenkrull@gmail.com; ³ Universidade Federal de São Carlos, fernando.agrofloresta@gmail.com

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: A substituição de sua alimentação tradicional pela “comida de *juruá*” (não índios), na Terra Indígena Tenondé Porã, em Parelheiros – SP, se tornou uma problemática na região e os indígenas da Tekoa (aldeia) Kalipety, com a liderança de Jera, buscam sua autonomia alimentar através de plantios, o que os levou à necessidade de aprender o manejo das florestas, chamando não índios para levá-los técnicas. Antes de ser demarcada, a área onde é a aldeia foi utilizada para a monocultura de eucalipto, o que deixou o solo degradado. O retorno da fertilidade do solo, necessidade atrelada ao resgate da sua cultura e segurança alimentar, a biodiversidade das roças e da floresta, as formas de plantio tradicionais de seu povo e a prática ancestral que respeita os processos da natureza, levaram essa aldeia à agroecologia, assim como aos sistemas agroflorestais, unindo essas práticas às sabedorias que os povos guarani trouxeram de tempos longínquos.

Palavras-Chave: preservação; soberania; povos tradicionais.

Keywords: preservation; sovereignty; traditional people.

Contexto

A aldeia indígena Kalipety, localizada na Terra Indígena Tenondé Porã, se situa no extremo Sul do município de São Paulo. Depois de 30 anos de luta, em 2016, a TI Tenondé Porã foi reconhecida pelo Ministério da Justiça em portaria declaratória (Portaria MJ/GAB nº 548), em sua extensão de 15.969 hectares, que abrangem os municípios Mongaguá, São Bernardo do Campo e São Vicente, também em trechos com unidades de conservação: a área de proteção ambiental Capivari-Monos, e o Parque Estadual da Serra do Mar. A aldeia Kalipety é uma das 8(oito) Tekoas (aldeias) que se desmembraram da antes única Tekoa Tenondé Porã, quando o território era regularizado com apenas 26 hectares, e uma população que vivia altamente concentrada. (Tenondé Porã)

Jera Poty é líder e porta voz de seu povo e forma com alguns integrantes da Kalipety e outras aldeias da TI Tenondé Porã, o Conselho Guarani, forma de política, mais participativa que aquela que o cacique exerce.



Jera conta que foi criada até os 12 anos se alimentando de tudo o que plantava, e sua aldeia, na época Tenondé Porã, década de 1990, possuía apenas 26 famílias, e mesmo em um pequeno território, todos tinham espaço para plantar milho, mandioca, batata-doce, amendoim. E assim podiam comer bem, de forma saudável. Mas a população começa a ter um aumento, e segundo ela, os *juruás* passam a visitar a aldeia, classificando o que viam como pobreza e miséria, já que andavam descalços e suas roupas eram manchadas de terra.

Começa assim um movimento de levarem até a aldeia roupas e alimentos. Jera dá o exemplo do arroz, que “é só abrir o saco e botar na panela com água para cozinhar”. Então as mulheres da aldeia começam a se encantar com a facilidade e deixam de querer plantar o milho, colher, debulhar e pilar para depois poder cozinhar. Então a aldeia em 50 anos perdeu muito das suas sementes e agricultura tradicionais.

Assim, vemos que a posse do território é um grande e primeiro avanço para que os indígenas possam se organizar e combater a fome dentro das aldeias, através do resgate de seus plantios e a diversidade de seus alimentos. Porém é aí que se iniciam novos desafios, pois com a terra degradada e os hábitos alimentares transformados pelas comidas de “juruá” recebidas através de cestas, criou-se uma grande dependência alimentar e uma descaracterização de seus hábitos.

Estudos recentes antropológicos trazem a questão da biodiversidade que os manejos das florestas por parte dos indígenas geraram, e a variedade alimentar que produzem. O manejo da floresta também deve ser estudado como uma forma de agricultura e não somente os roçados, que são vistos como padrão de plantio. “Os vínculos afetivos dos índios com o âmbito florestal, que poderiam também ser uma forma de domesticação, evidenciam que, para esses povos, a distinção não se aplica do mesmo que fazemos hoje. A floresta é parte integrante do seu *domus* verdadeiro.” (Dória, Bastos; 2018)

Buscando o resgate do plantio e vendo a necessidade de superar a monocultura de eucalipto na Tekoa Kalipety, Jera ouviu um *juruá* falar de agrofloresta, e foi algo que ela quis trazer para a aldeia, sendo que ela não possuía experiência com agricultura, e para manter o plantio das sementes de milho e as mais de 50 variedades de batata doce que adquiriu trocando com outras aldeias guarani e de outros povos, buscou plantar observando a dinâmica da floresta, sem a queima do solo e utilizando a cobertura vegetal. Com a ajuda de pessoas que atuam em projetos dentro da aldeia, ela chegou até o MAIS (Movimento dos Agroflorestores de Inclusão Sintrópica), que atendeu a seu pedido, buscando levar uma vivência agroflorestal com indígenas e não indígenas para a Tekoa, com recurso de *Crowdfunding* (Vaquinha Online) para promover os deslocamentos.

Descrição da Experiência

O Coletivo de Permacultura e Agroecologia Pés Vermelhos de Araras - SP, foi chamado para compor a equipe para os mutirões agroflorestais na aldeia Kalipety. A

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



vivência ocorreu entre os dias 18 e 24 de outubro de 2018, com representantes indígenas Guarani do Espírito Santo, além de não indígenas dos estados de Goiás, São Paulo e Ceará.

A vivência foi criada a partir da demanda dos indígenas da aldeia a fortalecerem seu processo de segurança alimentar. Foram 7 dias de vivência, com 16 pessoas de fora da aldeia. Foi combinado previamente que os convidados levassem mudas, sementes, propágulos e ferramentas, incluindo motosserras para a realização do manejo de eucaliptos presentes em abundância na região.

O primeiro trabalho realizado durante a vivência foi a derrubada de eucaliptos, visando gerar matéria orgânica para a cobertura do solo na área que seria a implantação. Houve uma certa rotação das pessoas nesse trabalho, entre os da aldeia e de fora. Os eucaliptos foram serrados em média a 60cm para serem usados nas entrelinhas, como caminho e cobertura de solo, e também para ser usado de lenha para as fogueiras, sempre acesas.

A área a se realizar o plantio da agrofloresta foi escolhido com a premissa da fácil observação, próxima a caminhos muito utilizados e em um local onde já havia sido desmatada a floresta de eucaliptos, com um declive, e em frente à fogueira onde todos os almoços são preparados. Próximo a este local, havia canteiros de batata-doce, já cobertos com biomassa. Na área propriamente dita, já havia algumas bananeiras e erva-mate plantadas esparsamente, dentre algumas mudas jovens de frutíferas nativas que foram preservadas no local.

Os preparos iniciais consistiram na capina do local e para lidar com o declive do terreno, cavou-se por volta de 5cm de profundidade na região mais baixa do local, posicionando as toras de eucalipto de maior diâmetro na posição perpendicular aos canteiros, para evitar que estes fossem levados abaixo pela força da chuva. Formando como uma escada em um mosaico de toras de eucalipto com diâmetros variados, posicionados lado a lado. Então com a chibanca ou picareta, foi descompactada a terra, formando canteiros de 70cm de largura e 13m de comprimento, ao todo 7 canteiros.

A cobertura vegetal dos canteiros foi realizada majoritariamente com podas de capim provenientes da região, de em média 20cm de altura, com parte de fitomassa do eucalipto também, além de algumas podas realizadas na mata.

No terceiro dia realizou-se uma exposição de propágulos, entre mudas e sementes e uma grande variedade do que foi trazido pelos participantes. Assim, a escolha das espécies foi casual, tendo em vista que seria usado o que estava disponível, dentre eles: Micropopágulos de bananeira, estacas de mandioca e amora, mudas de tomate, sementes de moringa, mudas de nativas e hortaliças variadas. Os canteiros seguiram os preceitos da agricultura sintrópica acerca dos espaçamentos considerando os estratos (necessidade de luz e sucessão natural).



Os plantios se deram na forma de um grande mutirão em que as pessoas se dispuseram lado a lado em frente aos canteiros, cada um com uma porção de sementes de milho nas mãos, disposta de acordo com o estrato.

Para a escrita do presente relato, foi utilizado o áudio de uma conversa que tivemos com a liderança da aldeia, a Jera, nos contando os processos que vêm passando nos tempos atuais.

Também de grande valia e força foram essas conversas com os indígenas. Em vários momentos escutava-se falar entre eles a língua guarani. Com a ocorrência da vivência a apenas uma semana das eleições presidenciais, puderam os envolvidos participar de uma reunião numa Opy(casa de reza) na Tenondé Porã, com cerca de 300 indígenas, onde ouviram em guarani as discussões dos problemas que poderiam vir a acontecer com o povo indígena a depender do resultado das eleições. Um momento muito político e incrivelmente fortalecedor.

Resultados

Cerca de 4 meses após a vivência, em uma visita a aldeia em fevereiro de 2019, pôde-se ver o que já havia sido produzido na área implantada. Na Tekoa Kalipety, colheram muito tomate, os pés de milho estavam grandes, vistosos e já dando espiga, porém essas espigas estavam muito finas e poucas foram aproveitadas para alimentação. As bananeiras estavam crescendo.

Alguns pontos conversados com os indígenas sobre a área foi de que a deposição de eucalipto como biomassa e cobertura do solo é algo que dificulta a realidade de manejo, que foi algo bom de ser apreendido, mas que na prática do dia-a-dia é pouco possível de ser realizado. Com pouco tempo de cobertura com biomassa de eucalipto, o solo foi pouco fertilizado e não demonstrou nutrição, algo a se pensar para os próximos plantios, por exemplo a partir de uma análise qualitativa de solo, como a cromatografia.

Entre os integrantes do Coletivo Pés Vermelhos, foi conversado sobre a demanda dos indígenas no processo, e meios de trazer uma metodologia participativa para que sejam planejadas as próximas implementações, antecedendo os mutirões, e que os indígenas possam apresentar as espécies que mais lhe interessam no plantio. Em geral, o modo como foi implantado o sistema agroflorestal deixou a desejar em aspectos como a participação integral dos indígenas, sendo que em vários momentos eles faziam mutirões entre eles de plantio de batata-doce, enquanto era implantada a agrofloresta, o que é muito aceitável já que desde o planejamento eles não pareceram se sentir incluídos. Porém, mesmo assim, alguns entenderam a dinâmica de cobrir o solo ao invés de queimar, e continuaram os plantios em suas áreas de roças a partir desse modelo.

Em palestra no Seminário FRUTO, em abril de 2019, Jera fala sobre a troca de saberes com os “juruá”, e a influência sobre o pensar em como tratar terras degradadas, que naturalmente os guaranis não tinham pela sua dinâmica tradicional,



e recebendo críticas dos homens da aldeia, ela comenta: “vamos fazer o que *“juruá”* faz, vamos entrar na mata para ver que de fato na mata não está “pelado”, ela está coberta e tudo está crescendo. É isso, pode não dar certo, mas a gente tenta.” (Jera Poty, Tekoa Kalipety)

Apesar de haver um avanço alimentar na Tekoa Kalipety, e uma forte história de resistência principalmente com as mais de 50 variedades de batatas-doces, a aldeia ainda recebe ajuda de cestas básicas e a maior parte do alimento advém disso, essa não é a realidade de todas as aldeias na TI Tenondé Porã. Algumas com uma grande população, em especial a aldeia Krukutu que foi visitada também, se alimenta apenas dessas cestas, e vê-se nisso uma grande dependência do Estado, demonstrando a vulnerabilidade dos indígenas às recentes mudanças políticas.

A FAO em 2014, reconheceu o sucesso do Brasil nas políticas de combate à pobreza e à fome, mas ressaltou que os indígenas e quilombolas ainda sofrem com a insegurança alimentar no país e diversos indicadores os apontam como população em vulnerabilidade crônica. (FAO, 2014). “Tiago Honório dos Santos, Guarani-Mbya da aldeia Jaraguá, localizada no noroeste da cidade de São Paulo, aponta os desafios envolvidos: “Tem muitos fatores para ter a alimentação saudável. A primeira coisa é a terra. O segundo ponto é fazer os roçados tradicionais, trazer as pessoas que conhecem para fazer esses roçados e, a partir disso, o terceiro ponto, que é desacostumar as pessoas dos alimentos transgênicos, dos alimentos do *juruá*, para tentar mudar para nossa alimentação tradicional. Seria um trabalho muito grande, a longo prazo. A preocupação maior é com os mais jovens, para desacostumarem dessa alimentação que a gente já está acostumado, com muito sal, açúcar, um monte de coisa, que nosso organismo já pede. ” (Bellinger, Andrade; 2016).

Os estudantes de agroecologia da UFSCar envolvidos, puderam ter maior dimensão das questões indígenas relacionadas à alimentação. A vivência despertou a todos para a causa, e também para que em próximas ocasiões utilizem de metodologias mais participativas, que tragam a sabedoria ancestral guarani em primeiro plano, a partir de seu próprio etnoconhecimento acerca da escolha das espécies e manejo, com sua identidade no propósito, para serem atores do processo, com o intuito de alimentar-se da floresta, mas também para a preservação da biodiversidade, utilizando seus saberes tradicionais. Os sistemas agroflorestais podem ser muito úteis se pensados a partir de uma lógica própria dos envolvidos, com o resgate de saberes ancestrais, de espécies florestais, de sua alimentação original e também o uso medicinal de plantas, assim como para os feitiços de artesanatos, tendo sua interação com a floresta através de um manejo ecológico, pois a importância da preservação é algo que para os Guarani Mbya está intrínseco, faz parte de seu cotidiano e é possível ser visto em várias instâncias com o convívio, inclusive em seus rituais. Os chamados *“juruás”* têm muito o que aprender com os guaranis, e o respeito à tradição e à natureza são essenciais para a permanência na Terra.



Agradecimentos

Aos indígenas da Tekoa Kalipety, em especial à Jera Kalipety e às mulheres da aldeia. Ao incentivo e contribuição de Maria Emília Pacheco. Ao Coletivo Pés Vermelhos e àqueles que lutam pela soberania alimentar em nosso país.

Referências bibliográficas

BELLINGER, C.; ANDRADE, L. M. M. **Alimentação nas escolas indígenas:** desafios para incorporar práticas e saberes – São Paulo: Comissão Pró Índio de São Paulo, 2016.

DÓRIA, C. A.; BASTOS, M. C. A cozinha dos guaranis: de onde partiu a culinária caipira. In: DÓRIA, C. A.; BASTOS, M. C. **A culinária caipira da Paulistânia** – a história e as receitas de um modo antigo de comer. São Paulo: Três Estrelas, 2018. 368p.

TENONDÉ Porã. **Terra Indígena Tenondé Porã.** Disponível em: <<https://tenondepora.org.br/sobre/>> Acesso em 05 de julho de 2019